

Homem vai domesticar o caos, crê Houaiss

LINA DE ALBUQUERQUE

O homem que prepara há quatro anos o mais caudaloso dicionário da língua portuguesa — com algo em torno de duas mil páginas e 270 mil verbetes — tem mania de se denominar “um ser paleolítico”. Mas que ninguém se deixe enganar pela falsa modéstia do filólogo Antônio Houaiss. E em espere dele uma opinião apocalíptica sobre o surto de produção de conhecimento.

Houaiss não se arrisca dizer que uma única pessoa possa ser capaz de assimilar sozinha todo o saber do futuro. No entanto, ele duvida que alguém venha de fato a se afogar no mar da informação: “O conhecimento tende a ser cada vez mais socializado através da divisão física e espiritual do trabalho”, aposta.

Na sua opinião, o homem tem meios para domesticar o caos. A invenção do alfabeto no século XVI, exemplifica, é uma prova de que as pessoas sabem se virar quando precisam. Somente de seis mil anos para cá, situa Houaiss, a humanidade passou a contar com instrumentos para aparar a língua. O primeiro apoio foi o da palavra escrita. Antes dela, nem fazia sentido pensar numa ordem alfabética, pois o repertório oral não ultrapassava mais de três mil palavras.

Até hoje, cerca de 10 mil línguas ágrafas (que não têm escrita) mantiveram-se com três mil palavras, calcula Houaiss. Entre as 300 línguas escritas, apenas 20, as chamadas “línguas de cultura”, são faladas

por 100 milhões de habitantes — o Português é uma delas. Essas línguas, que tinham aproximadamente 50 mil vocábulos no período do Renascimento, aumentaram esse número para 100 mil no final do século XIX e atualmente já alcançam a casa das 400 mil palavras. Segundo mestre Houaiss, só a língua portuguesa vem se espichando ao ritmo de 2.300 palavras a cada ano. O seu dicionário está sendo projetado para abrigar anualmente novos verbetes.

Antônio Houaiss acha que alguns teóricos da comunicação estão fazendo “terrorismo” em torno da expansão dos saberes. “O homem sempre descobrirá novos meios e códigos para manejar o horizonte do conhecimento — que é inesgotável”, sentencia. Assim aconteceu, aponta, no momento em que as espécies começaram a compor um número excessivamente grande para a assimilação humana. O homem, então, agrupou as espécies em espécies. Quando as espécies se avolumaram, surgiram, do mesmo modo, os gêneros.

A produção de conhecimento, entende Houaiss, deve ter sempre duas metas fundamentais: “Combater a miséria do mundo e ajudar o homem a encontrar a felicidade”. Para ele, a questão não é parar de produzir novas informações. A questão é saber como manejá-las. Por isso, o mestre preza muito o computador. O dicionário do futuro, que deve pousar nas livrarias já no ano que vem, será também oferecido em disquetes.



Edu Garcia/AE

Antônio Houaiss: “O homem saberá manejar o conhecimento”